PESQUISA INDÍGENA

* José Carlos Levinho

Estivemos pela primeira vez entre os Parintintin, em 1985, fazendo parte de uma equipe da FUNAI, com o objetivo de iniciar o processo de regularização administrativas de suas terras. No levantamento realizado constatamos a presença de 149 índios dentro dos limites do território tradicional que se estende do baixo Ipixuna até o rio Machado, incluindo a bacia do rio Ipixuna e a parte superior do rio Maici, região do médio Madeira, nos estados do Amazonas e de Rondônia. Através desses trabalhos, realizado em conjunto com o antropólogo da Universidade de Illinois, Wau Kracke, que iniciou pesquisas junto a esses índios em 1967, propusemos a criação das áreas indígenas Ipixuna e 9 de Janeiro, até hoje não demarcadas.

Logo que começamos os estudos junto aos Parintintin, chamou-nos atenção o intenso processo de mudança a que foram submetidos. Eles adotaram vários costumes do segmento da população brasileira com o qual estão em contato desde 1923. Todos utilizam o português para se comunicar, além de sua língua materna, o tupi kagwahiv. Fazem uso de roupas e de alimentos industrializados. Estão engajados na economia regional, desenvolvendo atividades extrativas e de coleta de produtos naturais. Mas, por outro lado, as regras de casamento, a escolha da chefia, as relações entre sogro e genro, a filiação clânica, a organização das atividades de subsistência e comerciais, a noção de posse da terra, etc. obedecem a princípios que pertencem à sociedade Parintintin.

É correto afirmar que, mesmo tendo sofrido mudanças, não deixaram de ser um grupo distinto do nacional, com características e necessidades próprias. Esta peculiaridade, comum a diferentes grupos indígenas de conseguir resistir física e culturalmente a uma experiência de contato destrutiva, foi o que nos motivou a realizar o estudo das relações entre os Parintintin e a sociedade envolvente.

O nosso objetivo consiste em apreender as estratégias utilizadas pelos índios para administrar as situações impostas pelo contato. Ou seja, a partir das opções e respostas encontradas pelos Parintintin, pretende-se perceber de que modo a sociedade intervém no processo de transformação por ela vivenciado. Deste modo, procuraremos mostrar que as mudanças adotadas por um povo que sobreviveu ao contato nada mais são do que um grande esforço para continuar existindo, no caso, enquanto Parintintin.

Esta pesquisa oferece a oportunidade de obtermos conhecimento sobre o modo de vida atual de um grupo indígena, único meio possível de identificar suas reais necessidades. Os seus resultados repercutem para os índios através de trabalhos, já iniciados, na área de saúde e educação.

* Antropólogo do Setor de Etnologia do Museu do Índio

Índios
PARINTINTIN,
Posto de Pacificação
Rio Madeira/SPI

Foto: Comissão Rondon, 1925.

Índios Parintintin,
Rio Ipixuna/AM, 1985.

Foto: José Carlos Levinho

http://www.museudoindio.gov.br/images/museuaovivo/jornal_site_n04_pesado.pdf

"Estivemos pela primeira vez entre os parintintin, em 1985, fazendo parte de uma equipe da Funai, com o objetivo de iniciar o processo de regularização administrativa de suas terras.
Logo que começamos os estudos junto aos parintintin, chamou-nos atenção o intenso processo de mudança a que foram submetidos. Eles adotaram vários costumes do segmento da população brasileira com o qual estão em contato desde 1923. Todos utilizam o português para se comunicar, além de sua língua materna, o tupi kagwahiv. Fazem uso de roupas e de alimentos industrializados.
É correto afirmar que, mesmo tendo sofrido mudanças, não deixaram de ser um grupo distinto do nacional, com características e necessidades próprias."